

ECONOMIA*Brasil*** 9 ABR 1991*

Jeffrey Sachs propõe a liberalização de preços e abertura às importações

por Cynthia Malta
de São Paulo

O economista Jeffrey Sachs, professor de Comércio Internacional na Universidade de Harvard, chegou ontem a São Paulo depois de passar alguns dias viajando pela China. Desculpando-se por não estar acompanhando de perto a economia brasileira, Sachs contou que "a percepção internacional é de que a situação no Brasil é muito confusa". Em sua opinião, a economia brasileira ainda carece de políticas fiscal e monetária austeras, abertura às importações sem controle de preços e um tratamento "heterodoxo" para a questão da dívida externa.

Sua receita para eliminar processos crônicos de inflação e restabelecer o crescimento econômico, já aplicada na Bolívia e na Polônia, combina a ortodoxia no controle apertado da moeda, na cobrança de altos impostos, na irrestrita abertura às importações e na liberalização total dos preços, a um regime "heterodoxo" para a questão da dívida externa. "Países que têm dívidas muito grandes devem parar de pagar, como fez o Brasil", disse Sachs, lembrando a moratória de 1987.

O "perdão" de parte significativa da dívida — como conseguiu a Polônia, por exemplo, com redução de 50% do principal —, no entanto, deve ser negociado com os credores internacionais somente depois de aplicado o programa doméstico. Nesse caso, observa o economista, o Brasil não está em "posição moral" de negociar "uma redução permanente da dívida".

"O Brasil, nos últimos quinze anos, não consegue fechar um ciclo de combate à inflação", diz Sachs. Em outras palavras: "O PIB cai 5% e todos gritam: é preciso fazer alguma coisa, um congelamento, qualquer coisa".

O custo social, em sua opinião, não pode ser evitado. "Se empresas fecham, outras abrem. Não há outro jeito", garante o economista.

Ele lamentou a postura do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), que, pressionado pelos Estados Unidos, vem adiando a liberação de empréstimos para o Brasil (ver páginas 27, 28 e 29). "É o velho estilo de pressão da comunidade internacional para negociar a dívida



Jeffrey Sachs

privada", avaliou. Por outro lado, Sachs comenta que tal atitude não deve surpreender, pois a "percepção internacional" é de que "o Brasil não está indo na direção correta".

AMÉRICA LATINA

Sachs, que hoje participa do seminário Reformas Econômicas no Leste Europeu e na América Latina promovido pelo Instituto Fernand Braudel, acredita que os países daquele continente "têm uma vantagem sobre a América Latina, pois fazem parte da Europa".

Além disso, os países latino-americanos carecem de um consenso social, já obtido no Leste Europeu, de que a integração econômica à Comunidade Européia "é a única solução" para atingir o crescimento. Na América Latina não existe tal união de idéias, diz ele.

A infra-estrutura industrial e financeira dos latino-americanos é um fator de vantagem sobre os europeus do Leste. "Mas isso terá menos importância nos próximos anos. O desafio será administrar o lado político", garante o economista, lembrando que neste continente "legitimar partidos políticos tem sido difícil".

A discussão entre renomados economistas e autoridades do governo brasileiro sobre a questão da dívida externa continua amanhã na abertura do seminário promovido pelo World Economic Forum. O encontro, onde também serão analisadas questões relacionadas à economia informal e ao pacto social, termina na sexta-feira, com a presença da ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello. Na quinta-feira, a participação do presidente Collor ainda não está confirmada.

GAZETA MERCANTE